

Vandalismo em escolas públicas

leva secretaria a construir muros

CORREIO BRAZILIENSE

A rede pública de ensino do Distrito Federal poderia ter mais dez escolas classes, não fosse a falta de civilidade da população que tem, sistematicamente, invadido escolas protegidas apenas por cerca e depredado muros, muitas vezes recém-construídos. Para tentar solucionar esse problema, a Secretaria de Educação vai iniciar um programa de construção de muros, em que, numa primeira etapa, serão levantados 60 muros.

Somente para essa primeira etapa, a secretaria vai despende Cr\$ 161 milhões (em valores de julho), o que daria para instalar, pelo menos, cem novas salas de aula. Para a secretária Eurides Brito, essa realidade que vem se agravando, principalmente nas satélites, é paradoxalmente inversa ao princípio de escola. "Em tese, as escolas deveriam ser abertas, sem muros, porque pertencem à comunidade. A escola é um bem público, apenas gerenciado pelo Estado", enfatiza ela.

Na opinião da secretária, não será um muro que resolverá o problema de depredação dos estabelecimentos de ensino. Sem a conscientização de seus alunos e pais, assim como dos professores,

o muro não representará uma barreira contra o vandalismo, muitas vezes praticado pelos próprios alunos.

"Está havendo, em alguns casos, a adoção da escola pela comunidade como um bem que ela possui. A preservação depende em muito do maior ou menor grau de afeto que a própria comunidade tem com sua escola. Há casos em que os pais vêm seus filhos estragando coisas na escola e nada fazem", ressalta Eurides.

A secretária adiantou, ainda, que a partir de agora nenhuma escola do DF será construída ou ampliada sem que se projete um muro. "Estamos nos preocupando com esse item, mas é preciso que os pais, que tanto nos pedem essa providência, sejam os fiscais de suas escolas. Há casos em que o muro mal é levantado e já é derrubado. Isso não pode continuar a ocorrer", alerta.

O maior exemplo da falta de consciência da comunidade ocorreu há poucos dias, mesmo antes de o muro ser erguido. No Centro de Ensino 5, do Guará II, a firma responsável pela obra estocou os tijolos para iniciá-la e os alunos

danificaram mais de 300 peças armazenadas. O diretor da Diretoria Regional de Ensino (DRE) do Guará, Divino Alves, informou que esses atos de vandalismo são praticados pelos próprios alunos e por elementos estranhos à escola.

Planaltina — Lígia Teresinha Vilhena Guimarães, 33 anos, é um exemplo clássico de abnegação. Diretora da Escola Classe 10, uma das quatro unidades instaladas no Assentamento Jardim Roriz, em Planaltina, Lígia transformou a unidade em um exemplo a ser seguido. "Foi um trabalho de paciência. Mas depois de três anos, conseguimos conscientizar pais e alunos para a importância de se manter a escola como um bem de todos", diz ela, dividindo essa "vitória" com todos os professores.

A Escola Classe 10 não tem muro e fica logo no início do assentamento, bem à beira de uma via de grande movimento. Protegida por uma aparentemente frágil cerca de arame, sequer uma flor é retirada de seu jardim. As crianças, hoje, preferem deixar a flor enfeitando o seu carinho com os professores no próprio galho.